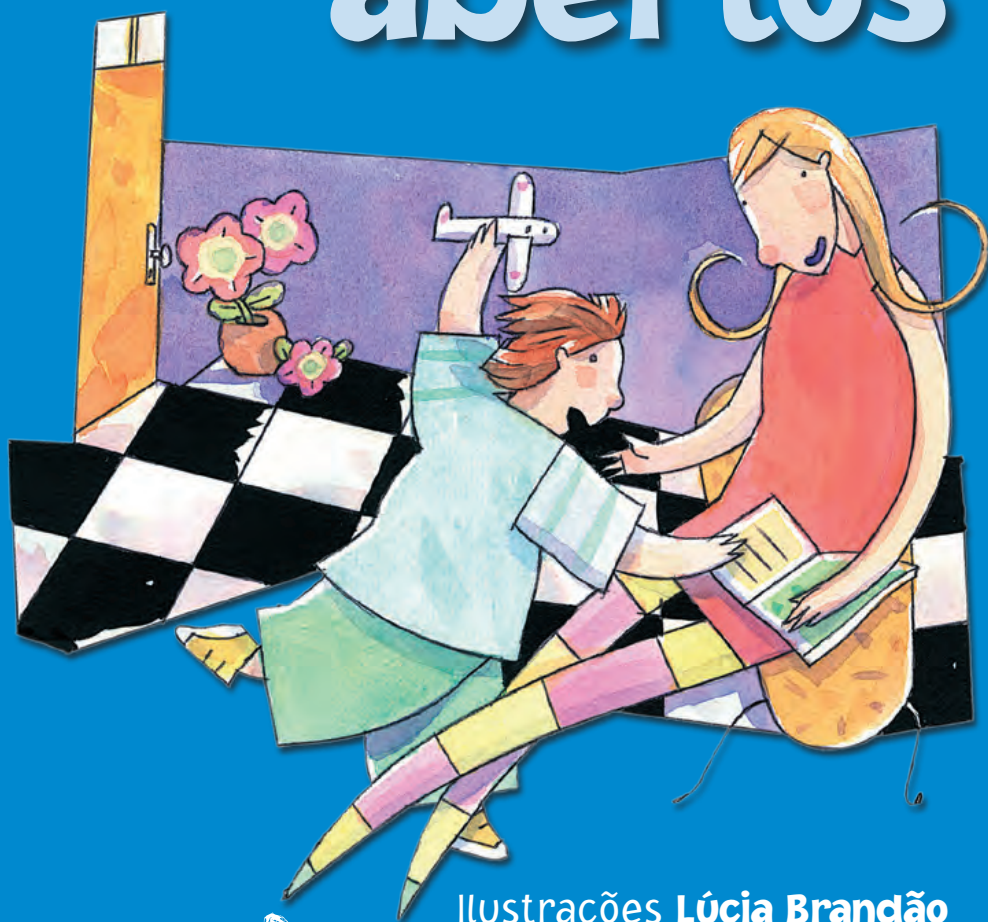


Telma Guimarães Castro Andrade



De olhos bem abertos

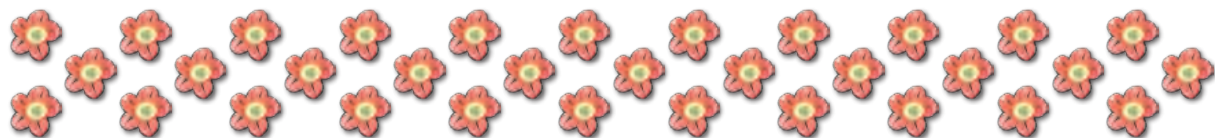


Ilustrações **Lúcia Brandão**



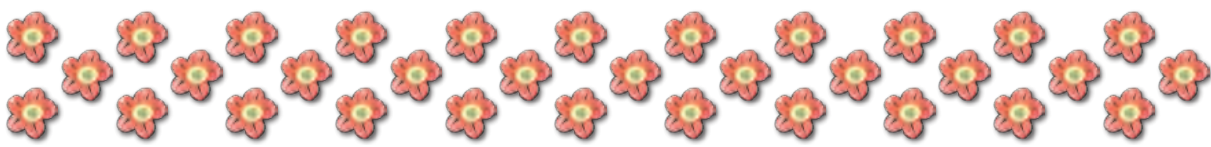
*Um caminho
para a inclusão*

 **Editora
do Brasil**



Use o QR Code abaixo ou acesse
www.editoradobrasil.com.br/lij
para ouvir o audiolivro.





Telma Guimarães Castro Andrade

De olhos bem abertos

Ilustrações Lúcia Brandão

 **Editora
do Brasil**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Telma Guimarães Castro

De olhos bem abertos / Telma Guimarães Castro Andrade;
ilustrações Lúcia Brandão. – São Paulo: Editora do Brasil, 2006.

ISBN 978-85-10-04167-6

1. Literatura infantojuvenil I. Brandão, Lúcia. II. Título.

05-9858

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|------------------------------|-------|
| 1. Literatura infantil | 028.5 |
| 2. Literatura infantojuvenil | 028.5 |



Texto © Telma Guimarães Castro Andrade
Ilustrações © Lúcia Brandão

© Editora do Brasil S/A, 2006
Todos os direitos reservados

Direção-geral

Vicente Tortamano Avanzo

Direção adjunta

Maria Lucia Kerr Cavalcante de Queiroz

Direção editorial Cibele Mendes Curto Santos

Edição Sergio Alves

Coordenação de artes e editoração Ricardo Borges

Assistente editorial Maíra Carcelen

Projeto gráfico e diagramação Maria A. Alves

Controle de processos editoriais Marta Portéro

Ficha técnica do audiolivro

Criação, Arranjos, Produção e Direção Musical	Douglas Las Casas, Ivan Teixeira
Gravação nos Estúdios E.B.S.R., Anonimato e Oca	Bruno Alves, Edu Trança, Thiago Rabello
Gravações adicionais	ÉleCe (LC) Estúdio
Mixagem e Masterização no Estúdio E.B.S.R	Bruno Alves
Atores participantes	Bruna Guerin, Daniella Giusti, Lina Loback, Luiz Pacini, Mirian Kass
Consultoria Técnica em Educação Especial	Rita Sant'Anna e Alessandro Câmara
Coordenação	Selma Alves Costa

Audiolivro disponível em: www.editoradobrasil.com.br/lij

1ª edição / 9ª impressão – 2020
Impresso na Printexpress Editora e Gráfica



Rua Conselheiro Nébias, 887
São Paulo, SP – CEP: 01203-001
Fone: +55 11 3226-0211
www.editoradobrasil.com.br



Apresentação



O Projeto compartilhar – um caminho para a inclusão foi criado a partir de necessidades reais, baseado em experiências que a própria autora, Telma Guimarães, viveu ou ouviu em relatos. Como o tema é de suma importância no momento em que as escolas do país estão se preparando para receber todas as pessoas com necessidades especiais em suas unidades, esses relatos simples e contundentes podem auxiliar no encaminhamento de algumas questões e até mesmo no enfrentamento de outras tantas que comprovam definitivamente que o abraço acolhe e agrega sem ser paternalista e piegas. E assim o **Projeto compartilhar** aposta nesse caminho como uma possibilidade real para a construção conjunta de uma sociedade mais justa, com cidadãos solidários e participativos. Boas leituras!





Audiolivro
Faixa 1

Além de lindo, o bolo estava uma delícia. Tinha cobertura e recheio de musse e ainda umas raspas enormes de chocolate por cima. Era o bolo preferido do meu pai.

— Não quero presentes! Bom, quero só um... Aquele bolo com musse! — Ele olhou para a minha mãe fazendo uma cara de menino levado.



A mamãe fez uma receita dupla e, mesmo com todo aquele povo na festa do meu pai, ainda sobrou um bom pedaço. Logo que saí do banho, fui direto para a geladeira. Coloquei o bolo sobre a mesa e cortei um pedaço. Dei a primeira mordida. Que delícia! Na segunda, senti uma dor horrível no dente. Empurrei o pedaço de bolo para o outro lado da boca. Com certeza ali não sentiria dor alguma. Na terceira dentada ainda louca de vontade de comer o bolo inteiro, não percebi que um pedaço foi parar bem no dente doído.

Corri para o banheiro. Doce dor de dente, doce, amarga dor de dente... Vai ver tinha uma cárie!

Achei melhor avisar a minha mãe. Já estava até vendo a cena:

— Vou ligar para a dentista e marcar um horário. Uma cárie, com certeza! — Ela dizia tudo do jeito que eu imaginava.

Assim que desligou, me deu a boa notícia. O consultório da dentista estava lotado. Só poderia me atender na tarde seguinte.

— Nada de doces! — minha mãe disse.

Bem que meu pai, em vez de ser médico, podia ser dentista. Ele reclamava tanto que a sala dele andava vazia!

Na manhã seguinte, fui para a escola. Estava muito brava, sabe? Não, não era só por causa da dor de dente. Toda vez que eu me olhava no espelho ficava brava. Tinha cabelo liso e fino demais. Precisava lavá-lo todos os dias. Por que meu cabelo não podia ser ondulado como o do meu irmão? Além disso, a cor do cabelo dele era mais bonita, bem loiro, do tipo desses meninos que aparecem nas revistas, nas novelas e nos filmes de tevê. O meu, não. Parecia cor-de-burro-quando-foge, nem castanho nem loiro. Ficava no meio do caminho, isso sim, talvez para combinar com a cor dos meus olhos, nem castanhos nem pretos.

E o meu corpo, então? Pernas compridas demais, magras, finas feito dois canudos de refresco. Tenho até apelido na escola: “Vareta”. Outra coisa: sou branca demais. Se tomo sol, fico





como um camarão. Por mais que me lambuze de protetor solar, bronzeador e tome o sol da manhãzinha, viro um tomate.

Se tinha uma coisa que me irritava muito era o espelho do meu quarto. Do tipo exagerado, me fazia ficar mais magra e mais vermelha. Ainda não tinha me cansado de discutir com ele. Tudo bem, espelho não falava nem ouvia, mas com quem mais eu podia reclamar?

Estava me arrumando para ir à dentista, quando ouvi minha mãe me chamar. Já tinha experimentado umas oito calças, quatro saias, seis camisetas e uns três pares de tênis, mas nada ficava bom. Já viu um cabo de vassoura com uma saia? Pois é. Sou eu.

— O que é isso, menina? Ainda está experimentando roupas? — Minha mãe ficou muito brava quando entrou no meu quarto. — E que tanto se olha no espelho? Desse jeito, ele vai ficar gasto! — ela riu da própria piada.

— Mãe, por que você me fez horrível? — Estava com raiva dela, do meu pai, de mim, do espelho e até do mundo.

Toda vez que eu falava isso, ela tinha uma coisa. Sentava na minha cama, me colocava no colo feito um bebê, acariciava meu rosto e meu cabelo. Dizia que eu era linda.

— Eu amaria você mesmo que fosse cheia de defeitos — dessa vez ela abriu o maior sorriso do mundo. — Olha só que boca mais linda, que olhos brilhantes, que...





— Ninguém nunca vai gostar de mim! — Eu a interrompi, sentindo muita raiva. Tinha certeza de que era a mais feia da classe.

— Vamos, Raquel... Chega de falar bobagens. Vista qualquer roupa... Tudo fica bonito em você! — Minha mãe tem conserto pra tudo. — Ande logo ou vamos perder a hora na dentista! — Ela correu para pegar a chave do carro.

Como não tinha outro jeito, me vesti e fui com ela para o carro.

8

Audiolivro
Faixa 2

Enquanto ela dirigia, fiquei me olhando no espelhinho. Onde é que estava a beleza da qual minha mãe tanto falava? Será que se eu tivesse outra mãe, ela seria mais sincera e diria a verdade? Por que o mundo não era feito só de gente bonita? Tudo seria tão mais fácil! Ninguém teria problemas.

— O que você tanto olha, Raquel? — Minha mãe ficou cismada.

— Estou procurando a boca linda e os olhos brilhantes de que você falou...— eu continuava irritada. — O chato é que só dá pra ver esse aparelho horrível nos meus dentes!

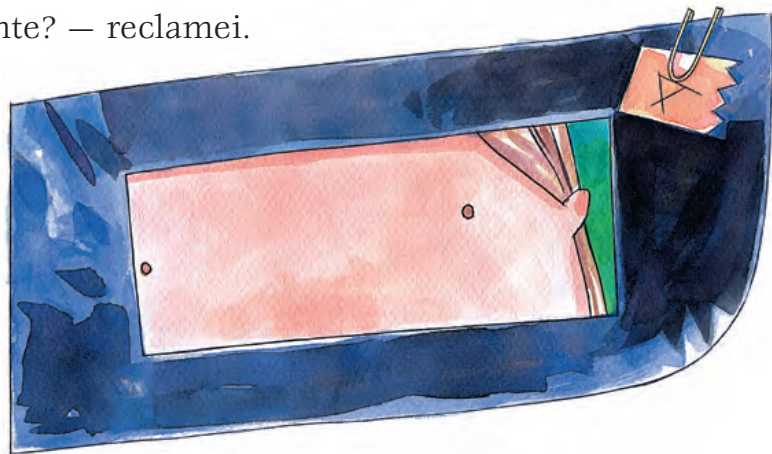
Puxa! E eu ainda ia colocar aparelho nos dentes de baixo. Ficaria muito pior!

— Quanta bobagem, Raquel! — Minha mãe suspirou fundo.

Já estávamos quase chegando ao consultório quando ela lembrou:

— Nossa! Esqueci que tenho de ir buscar o seu irmão na escola. Vou deixar você na dentista e volto o mais rápido que puder, tudo bem? — Ela deu uma olhada para mim.

— Tudo bem nada, mãe! E se tiver que fazer alguma coisa no dente? — reclamei.



— Olha lá! — Ela apontou do estacionamento do consultório. — A sala de espera está cheia de gente. Você ainda estará sentada aí, lendo uma porção de revistas legais, quando eu voltar! — Minha mãe sempre dava um jeitinho pra tudo. — Fique tranquila. A doutora Marlene só vai dar uma olhadinha no seu dente, quando você abrir os olhos vai estar tudo acabado!

Assim que estacionou o carro, tocou a campainha. Uma mulher abriu a porta e nós entramos.

— Vou deixar a Raquel por uns minutinhos... Tem algum problema? Não vou demorar! — Minha mãe avisou, apontando uma cadeira para que eu me sentasse. — Tenho de ir buscar meu outro filho no colégio, veja só... — ela tirou os óculos escuros.



— Aqui não tem perigo algum — a secretária a tranquilizou, voltando para a mesa. — Muitos pais fazem isso. E depois, a doutora tem o maior jeito com crianças e pré-adolescentes — ela sorriu para mim.

Não achei a menor graça naquele “pré-adolescente”. É, eu estava de mau humor mesmo.

— Tem bastante revista em cima da mesa, filha. Volto logo, tá bom? — Minha mãe foi me dando um beijo, para sair em seguida.

Eu estava muito chateada. Não gostava de dentistas e muito menos de ficar sozinha e abandonada numa sala de espera, nem que fosse por alguns minutinhos.

Tudo bem. Se eu tinha sido chamada de pré-adolescente ia me comportar até como uma adulta. Cruzei as pernas e olhei em volta. Tinha um homem com um tampão no olho esquerdo, uma moça loira com aparelho nos dentes e uma senhora de óculos fundo de garrafa, lendo um livro.

Estava começando a me distrair com uma revista quando uma mulher e uma criança abriram a porta.

“Mais um dente na minha frente!”, pensei.

— Chegamos, Rafael — ela segurava o filho pela mão.

Audiolivro
Faixa 3



Nossa, e minha mãe dizia que eu tinha sido levada quando pequena. Imagine se ela visse aquele menino. Mal entrou e já estava pulando e correndo de um lado para outro, batendo os joelhos na mesa das revistas e derrubando as cadeiras.

No começo, não fiquei encarando, mas, quando ele quase caiu em cima de mim, percebi, para meu espanto, que seus olhos eram bem brancos.

“Será que é cego dos dois olhos?”, nunca tinha visto alguém assim.

As outras pessoas pararam de ler e ficaram olhando para o menino. Levei o maior susto quando ele sentou do meu lado e pegou a minha mão. Fiquei com o corpo duro e parei de ler.

— Minha mão está cheirosa? — Perguntei meio sem jeito.

— Tá cheirosa — ele respondeu.

— Perfume ou sabonete? — Queria ver se ele acertava o que eu tinha passado.

— Sabonete — ele falou.

E era verdade. Tinha lavado as mãos com sabonete antes de sair de casa. Puxa, até que ele tinha um bom olfato!



A mãe do garotinho sorria para mim e todas as pessoas da sala de espera olhavam para nós.

O menino se levantou e começou a circular pela sala, quase derrubando duas cadeiras vazias e caindo no chão. A mãe ia atrás, feito barata tonta, tentando abrir espaço para que ele não se machucasse.

Não pude deixar de encarar o garoto. Por mais que me concentrasse na revista, ficava olhando para ele. Seus olhos não tinham brilho nenhum!

— Ele tem consulta com o protético? — O homem do tampão no olho perguntou para a mãe dele.

— Tem — ela não desmanchava o sorriso.

— Vou ganhar um olho! — Rafael interrompeu a conversa da mãe com o meu vizinho de cadeira.

— Eu também! — o homem brincou.

— Mãe, ele também vai ganhar um olho! — o garoto disse, como se ela não tivesse ouvido nada.

Então era verdade! Ele não enxergava mesmo! Senti um gosto muito ruim na boca.

Enquanto o garoto pulava pela sala, ia dizendo coisas que tinha feito no fim de semana.

— Fui para a praia! — ele contou, dando outro pulo. — Fiquei com medo da onda...



Resolvi puxar mais papo. Não sei se por vontade mesmo ou porque não havia ninguém da idade dele naquela sala. A mais próxima em idade era eu.

— Você ouviu o barulho do mar dentro da concha do caramujo? — perguntei.

Rafael veio correndo se sentar ao meu lado, quase derrubando uma outra mesinha.

— Qual o seu nome? — Ele tornou a puxar a minha mão.

Já ia respondendo quando coloquei a mão nas costas dele. Nossa, o garoto deu um salto. Percebi então que não gostava que o tocassem pelas costas.

— Qual o seu nome? — Rafael perguntou de novo.

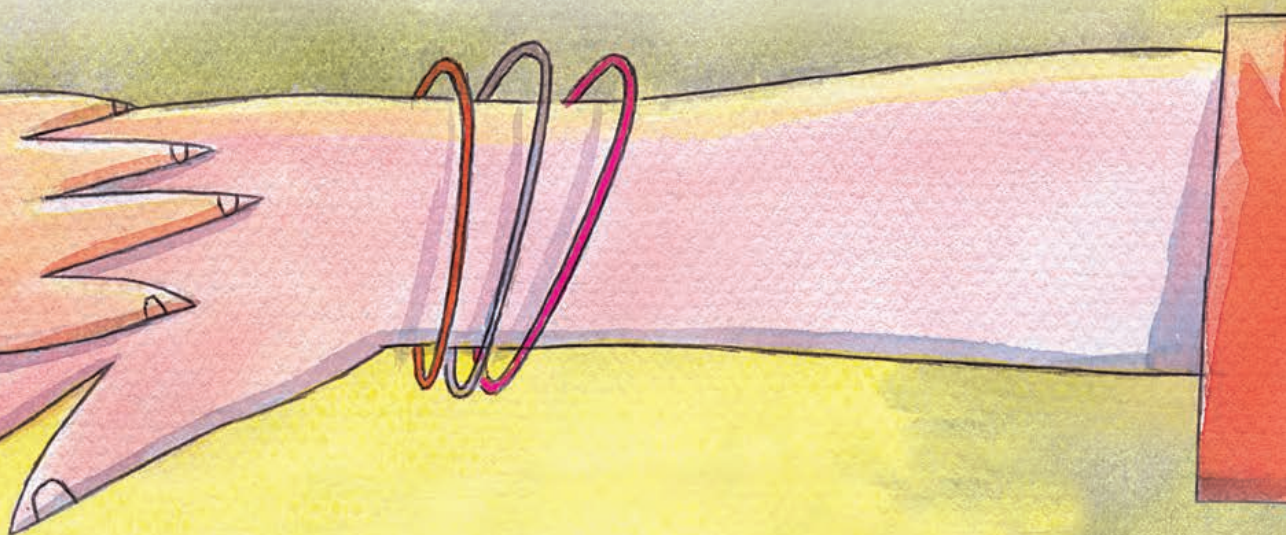
— Raquel.

— O nome dela é Raquel, mãe. Raquel, eu vou colocar aparelho no dente.

— Que legal! Eu também uso aparelho! Mas só na parte de cima. Ainda falta a parte de baixo... — Não sabia o que dizer quando ele virava a cabeça para o meu lado e aqueles olhos parados e sem vida pareciam querer me ver.

— Vou ganhar um olho! — Ele repetiu.

A secretária interrompeu o nosso papo e chamou uma senhora que seria atendida antes de mim.





Como ele não parava quieto nem um segundo, resolvi perguntar se queria que eu contasse uma história.

— Que história?

— Uma bem legal que minha mãe contava para mim — arrisquei.

Não sabia por que estava fazendo aquilo, tentando distrair o garoto. Eu olhava para a mãe dele e via que ela sorria, feliz ao olhar para o menino. O que será que ela sentia? Devia ser difícil ter um filho cego... E ainda mais aquele garoto levado, que não parava de andar pela sala e fazer perguntas.

— É “Chapeuzinho Vermelho”? — Ele pegou a minha mão.

— Não. É uma história desconhecida — respondi.

— De livro?

— Não. Da imaginação, mesmo.

— Então eu vou agarrar na história!

Não entendi o que ele quis dizer com aquele “agarrar na história”. A mãe do Rafael começou a rir e acabou explicando tudo. Quando chegaram da praia no dia anterior, tinha pedido ao filho que ficasse quieto enquanto ela ia “agarrar na roupa”. Ela quis dizer que ia lavar toda a roupa e não faria outra coisa. Rafael aproveitou a palavra usada pela mãe sem saber o que significava.



Comecei então a contar a história de um menino muito levado que trabalhava numa fábrica de ovos de chocolate. O Rafael não tinha muita paciência e me interrompia o tempo todo, querendo saber se tinha acabado de contar. Eu já não era muito boa para contar histórias e quando notei que toda a sala de espera prestava atenção em mim, meu rosto ficou vermelho. E se eu errasse a história? E se trocasse o final, mudasse os personagens?

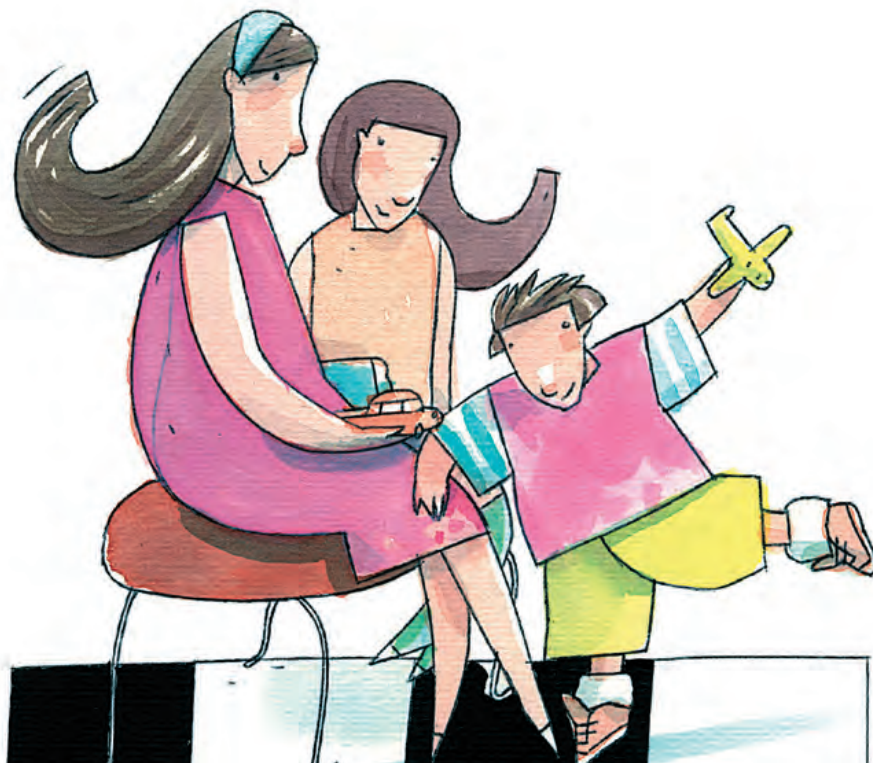
Aos poucos, vi que tinha até uma certa facilidade para arrumar personagens novos. Inventei uma amiga para o menino da história e uma tia que morava com a avó. Fiquei meio atrapalhada com o Rafael, porque ele interrompia a toda a hora. Também conversava com a mãe e falava dos olhos, tudo ao mesmo tempo.

— Acabou? — Ele quis saber.

— E quem quiser, que conte outra!

— Vou ganhar um olho! Mãe, essa é a Raquel! — E lá foi ele, pulando ao encontro da mãe.

Mal tinha acabado de contar a história e a secretária me chamou. Minha vez tinha chegado.



— Você vai embora? — Rafael veio tateando até mim.

— Vou só na dentista! — tentei soltar a minha mão, mas ele não a largava.

— A história acabou? — Rafael saiu pulando de novo.

— Acabou, Rafael... — eu me levantei.

— Ah! Mãe, fala pra ela ficar mais...

— Não posso, Rafael... Tenho de cuidar do dente. Tchau, viu? — me despedi.

— Mãe, eu também vou cuidar do meu dente, não vou? — ele perguntou à mãe. — E vou ganhar meu olho, não vou?

— É claro que vai cuidar do dente, filho — a mãe do Rafael respondeu à primeira pergunta. Quanto à outra, não deu para ouvir a resposta. A dentista tinha aberto a porta do consultório e eu entrei, deixando para trás o Rafael, a mãe dele e mais algumas pessoas.

Audiolivro
Faixa 5

Puxa, tinha até me esquecido da minha mãe e do meu dente que doía. Tinha me esquecido das minhas pernas finas, do meu cabelo de cor estranha, dos meus olhos de cor indefinida, da minha cor de camarão quando tomava sol, do aparelho nos dentes, de duas amigas falsas, do Fernando, o menino mais bonito do colégio e que só olhava para as meninas bonitas, nunca para mim.

Pareciam coisas tão pequenas!

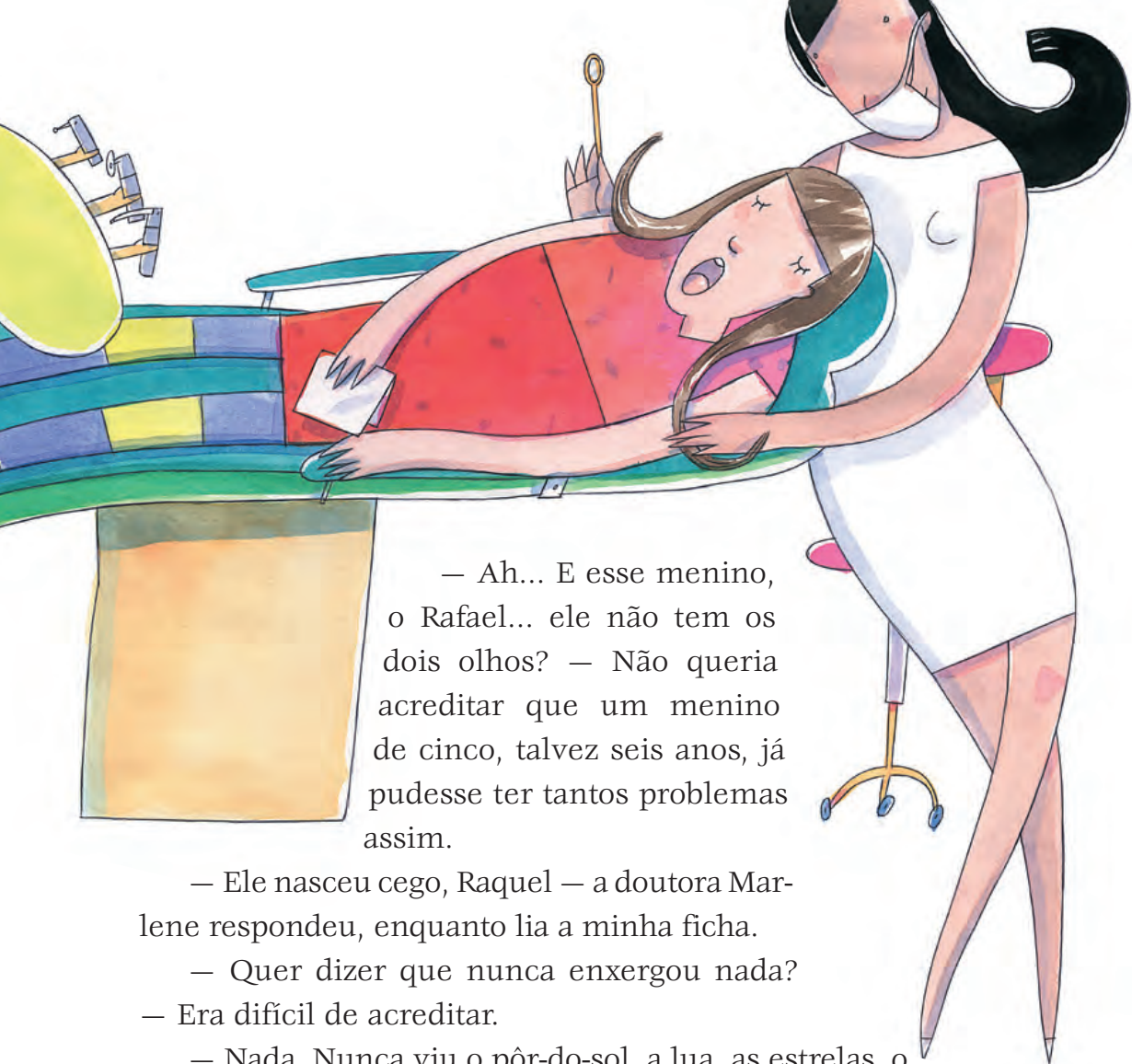
— Tem um menino lá na sala de espera... — mal me sentei na cadeira e já fui falando.

— Cego? — A doutora Marlene adivinhou.

— É — eu nem sabia o que dizer.

— É que aqui também trabalham duas pessoas que fazem próteses oculares. Fazem “olhos que parecem de verdade” — ela continuou.





— Ah... E esse menino, o Rafael... ele não tem os dois olhos? — Não queria acreditar que um menino de cinco, talvez seis anos, já pudesse ter tantos problemas assim.

— Ele nasceu cego, Raquel — a doutora Marlene respondeu, enquanto lia a minha ficha.

— Quer dizer que nunca enxergou nada? — Era difícil de acreditar.

— Nada. Nunca viu o pôr-do-sol, a lua, as estrelas, o mar, os pais, as irmãs... E, se a medicina não fizer progressos, nunca verá nada. A não ser pelos olhos de outra pessoa.

— Como assim?

— As pessoas em volta dele vão descrevendo o que veem. Com o tato e a imaginação, ele sente e faz uma imagem das cenas. Mas é algo distorcido.

— Como assim, distorcido? — Fechei os olhos, tentando imaginar.

— Uma imagem que não tem nada a ver com a realidade — ela explicou.

— Que pena!



— Sabe que aquela mulher é mãe adotiva dele? Ela fez uma coisa muito linda... Adotou uma criança, mesmo tendo outras duas bem maiores. Já são até casadas!

— Puxa! — Fiquei imaginado a família do Rafael.

— Eles vêm sempre aqui. Não deve ser fácil cuidar dele — a doutora pediu para que eu abrisse a boca. — Adotar uma criança é um ato de amor muito grande, você não acha?

Como estava com a boca aberta, acabei fazendo que “sim” com a cabeça.

Enquanto ela tratou do meu dente, foi conversando comigo. Sua voz era suave e ela ria gostoso. Já me sentia melhor.

As coisas não saíram como minha mãe disse: eu não li nenhuma revista na sala de espera, ela ainda não tinha voltado do colégio do meu irmão e a doutora Marlene ficou um bom tempo cuidando do meu dente.

Bem, quando abri os olhos, tudo tinha acabado. Pelo menos nisso minha mãe acertou. Enquanto fiquei com os olhos fechados, pensei em tanta coisa...

Descobri que eu tinha algo maravilhoso que nem todo mundo tinha: podia abrir e fechar os olhos e ver o mundo. Um vasilhinho com violetas enfeitava a janela do consultório... De que cor eram as violetas da varanda de casa? Puxa, nunca tinha reparado na cor das flores da minha casa! Nasci com olhos e nem sabia que eles estavam prontos para ver o que acontecia em volta de mim.

— Doeua tanto assim? — A doutora Marlene percebeu que eles estavam cheios de lágrimas.

— Não doeua nadinha... — respirei fundo antes de responder. — É que eu estou meio feliz, sabe? — Foi a única coisa que consegui dizer.

— Acho que estou entendendo, Rafael... — ela olhou para a porta, de onde certamente podia ver o Rafael.

Quando saí no corredor, dei uma espiada na sala onde o Rafael e a mãe estavam. Ele continuava pulando, enquanto



uma moça fazia uma espécie de acerto nos olhos de “faz-de-conta” que ia colocar no menino.

Ele ouviu a minha voz e já foi falando o meu nome:

— Raquel, meus olhos estão quase prontos! Eu vou “agarrar” neles!

Dei tchau para o meu amigo. Queria encontrar o Rafael de novo para dizer que ele foi muito importante para mim. Ele abriu os meus olhos para a vida, mesmo sem ter os seus próprios olhos... Apenas olhos de faz-de-conta.

Audiolivro
Faixa 6

Minha mãe chegou logo em seguida, pedindo mil desculpas pelo atraso. Marcou uma nova consulta para a outra semana e rabiscou um bilhete de agradecimento para a doutora Marlene.

— Imagine, mãe... Nem reparei que você se atrasou tanto assim! — Ela arregalou os olhos quando dei um abraço nela. — Sabe que você tem razão? — Fiquei me olhando no espelhinho do carro. — Meus olhos são bem bonitos. E brilhantes também!

Mais tarde, depois que aquele nó no peito passou e eu escrevi essa história no meu diário, deitei no colo da minha mãe e contei toda a história do Rafael para ela. Enquanto me ouvia, ia passando a mão nos meus cabelos.

— Foi bom você conhecer o Rafael, minha filha. — Ela parecia conhecer o meu novo “amigo”. — Ultimamente você estava vivendo num mundinho assim de pequeno, ó...— Ela fez um gesto, mostrando que o meu mundo não tinha nem dois centímetros. — Sabia que tem muita coisa pra fazer por pessoas como ele? E você pode ajudar!

— Tem mesmo, mãe?

— Claro!

Fiquei preocupada com o que eu podia fazer no meio de crianças cegas.



Ler histórias? E se elas não prestassem atenção?

— É, acho que seria bem legal fazer alguma coisa! — Desabafei.

Minha mãe disse que eu tinha tomado uma decisão importante. Ela até frisou: “Bem madura!” Ficou de conversar com duas amigas que conheciam uma creche para crianças cegas.

— Se der certo, você pode levar uma amiga, Raquel — ela sugeriu. — Até que seria bom.

Topei e abri o jogo com a Marina por telefone mesmo. Ela não quis nem saber. Falei também com a Cátia, o Gustavo e a Juliana. Nada. Ninguém estava a fim de nada. Percebi que esse tipo de conversa tinha de ser “cara a cara”, “olho no olho”.

Audiolivro
Faixa 7

Foi na semana seguinte, durante a visita de um oftalmologista à nossa escola, que tive a ideia. O médico começou a palestra falando sobre a importância da visão e explicou o que acontece com a imagem que o olho recebe, além de um monte de outras coisas. Também falou sobre a cegueira. Aproveitei, levantei a mão e perguntei:

— Existe algum lugar especial para as crianças cegas da nossa idade?

— Como assim? — Ele não entendeu.

Falei que gostaria de conhecer uma escola que cuidasse de crianças e adolescentes cegos.

— Por quê? Você gostaria de ser uma espécie de voluntária? — Enquanto falávamos, todo mundo parou e ficou olhando, prestando atenção.

— Gostaria, sim. É que eu conheci um garotinho cego e fiquei pensando em crianças como ele...

O médico contou que as pessoas com deficiências visuais frequentam escolas como todo mundo. No entanto, ele conhecia uma creche que cuidava de crianças cegas desde pequenas para que as mães pudessem trabalhar.



— Eles precisam de ajuda. Seria muito bom se você... — ele fez uma pausa, olhou para mim e depois para o resto da turma — ...e seus amigos pudessem ajudar.

— Minha mãe também quer ir. Na verdade, foi ela que sugeriu que a gente devia ajudar alguém.

— Muito bem! Estou gostando de ver! — O doutor abriu um sorriso enorme e não sorriu só com a boca, mas com os olhos também. Eu já tinha aprendido a ver outras coisas no rosto das pessoas.



Outras duas meninas, que eu nem esperava que topassem, levantaram a mão.

— Também gostaríamos de ajudar — elas se ofereceram.

Restava saber onde ficava o lugar e o que poderíamos fazer lá.

As garotas nem eram minhas amigas. Eu não falava direito com elas. Achava que eram muito chatas.

Depois da palestra, a professora nos chamou. Ficamos cara a cara com o médico. Ele rabiscou o endereço num pedaço de papel e disse:

— Entregue à sua mãe, já que ela também quer ajudar. É sempre bom ter um adulto por perto. Pode levar vocês, ir buscá-las, fazer uma porção de coisas.

Agradei e guardei o papel. Eu e as duas meninas trocamos nossos telefones.

Voltei para casa pensando no que faríamos na tal creche. Senti vontade de voltar atrás, mas respirei fundo e pensei:

“Elas estão comigo nessa e as minhas amigas nem quisesam saber!”



Quando cheguei em casa, contei para minha mãe.

— Ótimo! — Ela leu o endereço. — É o mesmo lugar que as minhas amigas indicaram. Vou entrar em contato com a creche e marcar uma visita, tá bom? Temos de saber como vamos ajudar. Estou orgulhosa de você... De vocês três! Não esperava que... — ela não terminou a frase.

Eu já sabia o que ela ia dizer. Não esperava que a gente tivesse vontade de fazer alguma coisa para ajudar alguém. Bom, na verdade a ideia tinha sido dela, né?

Naquela semana, acabei conhecendo um pouco mais as duas meninas da minha classe, Bruna e Vanessa. Puxa, elas não eram nem um pingo como eu imaginava. Pareciam legais e divertidas. Falaram a mesma coisa de mim.

— A gente achava você uma chata!

— É verdade. E antipática!

Hum, e eu pensando o mesmo delas.

Na quinta-feira minha mãe contou que tinha marcado a nossa visita à creche para a sexta-feira da semana seguinte.

Convidei as meninas para passarem uma tarde em casa. Elas estavam empolgadas.

— Será que a gente deve levar alguma coisa? — a Bruna perguntou.

— Um vaso de flores? — Foi a vez da Vanessa.

— Mas eles não enxergam! Pra que levar flores? — Eu não concordei.

— Podem não enxergar, mas sentem o perfume... — minha mãe lembrou.



Era verdade. Cada uma iria levar um prato de doces ou salgados. Minha mãe levaria um vasinho de flores. Ia ser muito chato chegar de mão abanando.

Minha mãe combinou com as mães das meninas que passaríamos na casa delas.

Audiolivro
Faixa 8

O dia finalmente chegou. A gente tinha feito um bolo de chocolate, a Bruna levava uma lata de biscoito e a Vanessa, pãezinhos de cará.

— O que será que vão dizer pra gente? — Estávamos curiosas.

— Já pensou se a diretora da creche mandar a gente limpar banheiro, fazer faxina, essas coisas?

Minha mãe deu risada.

— Acho que nós é que vamos aprender com eles!

Fomos conversando pelo caminho. E que caminho comprido foi aquele! O lugar era bem longe. Quando chegamos, pensamos que tudo ia estar no maior silêncio... crianças quietas e tudo o mais. Nada disso. Elas brincavam como crianças da idade delas e até futebol jogavam. O gozado é que a bola fazia barulho!

A diretora — que nem era diretora, mas uma voluntária também — explicou que na bola de futebol tinha um guizo e que as crianças se guiavam pelo som.

Ela foi muito simpática e contou como era o trabalho na creche.

Muitos já tinham passado da idade de frequentá-la, mas para não ficarem sozinhos em casa, os pais os deixavam lá no período da tarde. Na parte da manhã só ficavam as crianças menores. À tarde, as maiores, fazendo a lição de casa e tirando dúvida, além de brincarem, é claro. Quase da nossa idade, acredita?

Demos uma passeada pela creche. Era tudo muito simples e arrumado. Só uma pessoa para cuidar de todos e outras duas para contar histórias e brincar.



Minha mãe levou os pratos até a mesa do lanche. Minutos depois, todos apareceram. Eles sentiam o cheiro de longe.

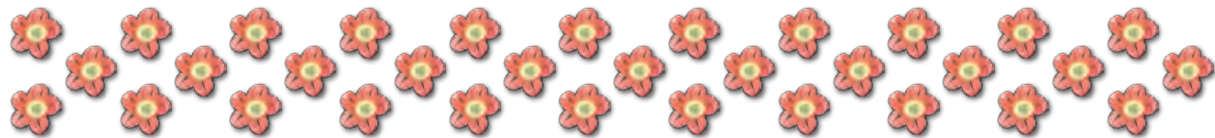
— É bolo! — Um gritou.

— E de chocolate! — Uma menina adivinhou, sem nem ter experimentado o bolo.

Era o nosso primeiro dia ali na creche. Dali para a frente, a gente teria outros dias com as crianças. Sabia que iria gostar de muitas coisas, de outras nem tanto. Iria aprender, ensinar o que aprendi, ler histórias, dividir uma parte do meu tempo com alguém.

Talvez, se fosse ao cinema ou ficasse vendo televisão em casa, visse um mundo mais bonito. Era só deitar no sofá, ligar e desligar a tevê. Não ia precisar nem sair do lugar. Bastava usar o controle remoto. Mas o Rafael tinha aparecido na minha vida e a minha mãe tinha tido uma grande ideia. A partir daquela tarde, eu e as meninas decidimos ver a vida de um outro jeito... E participar dela de outro jeito também. E eu só estava começando!





A gente vê a vida de olhos bem abertos
Pra enxergar as coisas que estão longe e que es-
tão perto
A gente vê as cores, teimando que está certo
Se seu problema é grande, você não está esperto!
Se tudo é tão ruim, nem tudo é tão ruim assim,
Se você fala mal, isso também não é legal!
Tudo é questão de ver a vida diferente
E sacar o quê e quem está à sua frente
Sua boneca, seu carrinho, sua roupinha, seu skate,
bicicleta, sua pipa, seu cabelo
Seu pijama, seu quartinho, sua bola,
seu ursinho, videogame, fi gurinha, e o espelho
Tudo é questão de ver a vida diferente
E sacar o quê e quem está à sua frente
A gente vê a vida de olhos bem abertos.

Letra da música da última faixa do audiolivro.





Telma Guimarães Castro Andrade, renomada autora de livros infantis e infanto-juvenis, em *De olhos bem abertos* nos conta a história de Raquel, uma adolescente que adora se olhar no espelho para ficar brava com seus “defeitos”, e Rafael, que apesar de sua deficiência visual acaba ensinando-a a ver o mundo com outros olhos. O livro aborda a percepção das diferenças como uma possibilidade de melhor autoconhecimento e aceitação. Este é mais um livro do *Projeto compartilhar – um caminho para a inclusão*, que apresenta uma possibilidade de mudança de atitude com relação aos comportamentos, evidenciando o prazer da descoberta do outro como um ser humano diferente e – por isso mesmo – belo.



Esta obra é acompanhada por um audiolivro com texto integral, dramatizado, e agrega novas possibilidades de interpretação e abordagem, amplia acessos e inclui pessoas.

